

## O encontro de Shakespeare e Bergman em “Sonhos eróticos numa noite verão” de Woody Allen

Alexandre Silva WOLF<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo busca a possibilidade da intertextualidade dentro de um processo de adaptação entre dois produtos cinematográficos, e a possibilidade de diálogo destes com a literatura. Serão comparados os filmes “Sonhos eróticos de uma noite de verão” de Woody Allen e “Sorisos de uma noite de verão” de Ingmar Bergman e a relação que estes mantêm com a comédia de Shakespeare “Sonhos de uma Noite de Verão”.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cinema. Intertextualidade.

### Introdução

O cineasta Woody Allen possui uma obra vasta e repleta de possibilidades de análise. Ele é reconhecido mundialmente por seu trabalho e por sua inventividade, que é posta à prova a cada filme que realiza. Sua produção intensa teve início, na direção em 1969, com o filme “Um Assaltante bem Trapalhão”, no qual também participa como ator, uma de suas características. Apresenta um filme novo praticamente todos os anos e, sua obra é formada, hoje, por quarenta e um filmes e um em produção. É considerado por alguns pesquisadores como o representante por excelência do cinema pós-moderno, pois seus filmes vão desde adaptações literárias, recriações de períodos do cinema, paródias, etc., atendendo aos pressupostos da estética desse período, também chamado de modernismo avançado. A pluralidade de seu discurso nos permite pensar na sua obra como um exemplo da intertextualidade aplicada ao cinema.

### A Intertextualidade

A intertextualidade é um conceito que foi introduzido nas Ciências da Linguagem pela pesquisadora búlgara radicada na França, Júlia Kristeva, a partir dos estudos do teórico russo

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea. E-mail: xewolf@gmail.com

Mikhail Bakhtin, que define que um texto nada mais é que um cruzamento de outros textos onde se lê um novo texto. Para Kristeva,

... é uma descoberta que Bakhtin é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1974, p.64)

O teórico francês, Gérard Genette propôs, para este procedimento, o conceito da transtextualidade que, segundo ele, percebe tudo o que representa um texto em relação, manifesta ou secreta, com outros textos. Toda essa teoria foi pensada e está relacionada à literatura e a seus produtos, entretanto, atualmente, alguns pesquisadores tem levado em conta, estes e outros conceitos derivados dessa linha de pensamento, para analisarem produtos da comunicação em suas mais diversas representações midiáticas. Portanto, vejo como possível, uma observação sobre a teoria e estética cinemática, a partir desses pressupostos, tendo em vista a narratividade, campo também explorado dentro dos estudos da teoria cinematográfica. O estudo da narrativa no cinema vem da observação de sua predominância no discurso cinematográfico e que, por meio dele é possível captar as funções e efeitos, que servem para situar um filme dentro da história do cinema, dos períodos e gêneros das artes e até de seu contexto social, do qual ele deriva.

Toda a obra de Woody Allen é de ficção, o que permite uma análise de sua construção. Seus filmes são como uma rede significante, feita de anúncios, lembranças, correspondências, deslocamentos, saltos que fazem de sua narrativa um tecido de fios entrecruzados, em que seus elementos podem pertencer a muitos circuitos. Ele como roteirista e diretor de seus filmes, se coloca como um narrador, que vai contando suas histórias, misturando os mais variados textos, vindos de sua memória, preferências e influências.

### **Woody Allen vista William Shakespeare**

Em 1982, Woody Allen, como em todos anos de sua carreira, nos brindou com um novo filme: “Sonhos eróticos de uma noite de verão”. Já pelo título podemos observar uma referência imediata à peça de William Shakespeare, “Sonhos de uma noite de verão”, porém o resultado desse filme vai além de uma adaptação ou mesmo uma paródia da peça do mestre inglês, mundialmente conhecida.

É sabido da admiração de Allen pelo diretor sueco Ingmar Bergman e que muitos dos filmes do primeiro, fazem referência ou mesmo homenageiam o segundo. No ano de 1955, Bergman realizou um de seus filmes, “Sorrisos de uma noite de amor”, que foi o seu primeiro sucesso internacional. O nome original do filme não se referia a uma noite de amor e sim uma noite de verão, porém na tradução para o português, perdemos essa relação com as obras de Shakespeare e posteriormente com a de Allen. A trama do filme parte das confusões provocadas pelo amor. Tudo acontece em uma noite, onde as personagens são colocadas como em um jogo de xadrez, o que resulta numa agradável comédia de costumes, peça rara na filmografia de Bergman. Mais uma vez poderíamos supor a possibilidade de uma paródia de Allen sobre o material de seu ídolo.

Para Gérard Genette, a intertextualidade age dentro dos textos, através do arranjo de relações entre eles, chamado por ele de transtextualidade e, pode se dividir nos seguintes tipos: intertextualidade (presença de um texto em outro, como numa citação, alusão ou plágio); paratextualidade (relação do texto com outros textos que estão a sua volta como títulos, prefácios, epígrafes, etc.); metatextualidade (texto de crítica ou comentário que se une a outro); hipertextualidade (relação de derivação de um texto –hipotexto- com outro dele originado – hipertexto – como a paródia ou o pastiche) e arquitextualidade (relação do texto com o gênero discursivo e todas as classificações que ele possa se incluir). Essas classificações, apesar de terem sido feitas com objetivo de observar a presença do intertexto em textos literários, têm a possibilidade de serem utilizadas como ferramenta de análise também do discurso cinematográfico. Aqui em nossa discussão poderemos fazer uso dessa classificação, para melhor entendermos quais as formas intertextuais utilizadas por Allen em seu filme “Sonhos eróticos de uma noite de verão”.

O filme abre com a primeira forte referência à obra de Shakespeare: a trilha sonora executada durante toda a estória é “A Midsummer Night’s Dream” de Feliz Mendelssohn, composta entre os anos de 1826 e 1842, para a realização de um balé. O letrado inicial é embalado pela Marcha Nupcial desta obra, que é utilizada em vários países como tema de abertura de casamentos. Novamente, Allen nos chama para o referencial de Shakespeare, mas agora acrescenta o signo do casamento através dessa inclusão do tema citado.

A narrativa fílmica se inicia em uma sala de aula, onde um professor está criticando o pensamento metafísico e valorizando o ser completamente distanciado do pensamento esotérico. Trata-se do Professo Leopoldo, físico consagrado, culto e completamente cético, que pretende casar com uma mulher muito mais jovem do que ele. No filme de Bergman, o

bem-sucedido advogado Fredrik está há dois anos casado com a jovem Anne e, por uma atitude nitidamente paternal, não consegue fazer com que sua união chegue às vias de fato.

Em outra cena, já na casa de campo, Andrew, a personagem representada pelo próprio Woody Allen na trama, tenta voar com asas criadas por ele mesmo. Percebemos que ele é o oposto do professor de física, pois tenta vencer as leis de Newton com inventividade e crença na magia das coisas. Ele conversa com sua esposa Adrian, que está triste sem saber o porquê disso. Eles irão receber a visita de alguns amigos em sua casa de campo. Falam de seus convidados, nos dão as características iniciais das outras personagens e as situam na trama. Desde já começamos a perceber mais uma proximidade com Shakespeare e Bergman. Em ambas as histórias, trata-se das relações amorosas entre vários personagens e aqui Allen também caminha por esse labirinto formado pelos desejos do ser humano.

Maxwel, o jovem e atraente médico, amigo de Andrew, que é um conquistador contumaz, aparece na sequência com uma de suas clientes, com quem mantém um caso amoroso escondido do marido. Ele quer levá-la ao passeio no campo, a casa de Andrew e Adrian. Como sua amante se nega a ir junto, por motivos óbvios, a senhorita Dulcy Ford, enfermeira de Maxwel, aceita ir ao passeio com o médico. Forma-se aqui o segundo casal envolvido na trama de Allen.

Andrew e Adrian não estão tendo um relacionamento fácil, inclusive na parte sexual, ambos se sentem desconfortáveis quando estão juntos. Eles conversam novamente sobre seus convidados e definem melhor suas características. Chegam Maxwel e Dulcy a casa de campo. São recebidos por Adrian, pois Andrew está voando em sua bicicleta-voadora. Eles se apresentam a Adrian e Andrew junta-se a eles. Andrew conta a Maxwel que está mal com Adrian e que não sabe como fazer para resolver essa situação.

Andrew e Adrian, ao ficarem a sós, tem uma nova discussão sobre seu relacionamento, ambos continuam muito distantes. Adrian fala de Dulcy e de sua atitude liberal, como se comparando a jovem, exortando a sexualidade da moça. Em seu quarto, Dulcy e Maxwel falam da energia do lugar e se beijam ardorosamente. Chega o terceiro casal: Leopoldo e sua futura esposa Ariel. Em Shakespeare, temos três casais envolvidos com a história que ocorre no bosque de Atenas: Hérnia e Lisandro, Helena e Demétrio e Óberon e Titânia, o rei e a rainha das fadas. Em Bergman, temos: Desiree e Fredrick, Anne e Henrik e Carl e Charlotte. Todas as tramas giram em torno dos três casais e mostram que Allen buscou estruturar seu roteiro com a mesma idéia, partindo das relações dos três casais de sua trama.

Ao chegarem, novas relações começam a tomar forma. Andrew e Ariel já se conhecem de outra época e isso causa certo constrangimento entre eles e Adrian. O médico e a enfermeira são apresentados a Leopoldo e Ariel. De imediato, Maxwel se mostra interessado em Ariel. Ela reconhece a casa de campo e Adrian se sente desconfortável com isso. Leopoldo saúda a natureza com uma fala de Shakespeare. Essa é a segunda intervenção de Leopoldo com uma fala shakespeariana dentro do roteiro de Allen. Novamente ele afirma sua intenção de referenciar o bardo inglês.

Adrian se mostra muito irritada com Andrew por ter escondido que conhecia Ariel. Ela exige explicações dele sobre seu relacionamento anterior com a moça. Os dois outros casais trocam informações sobre seus relacionamentos num jogo de *badminton* no jardim. Cenas bucólicas dos personagens se divertindo em contato com a natureza trazem a passagem do tempo. Maxwel começa a observar mais e mais Ariel. Ariel e Andrew ficam a sós e falam de suas memórias. Andrew conta de sua frustração do amor não realizado com ela. Ele critica a relação dela com Leopoldo por conta das diferenças entre eles, de idade e ideológicas. Ariel responde falando da sua frustração por Andrew não ter investido no relacionamento deles.

Todos passeiam pelo campo e discutem sobre a natureza e os espíritos que dela brotam. Andrew e Adrian tem uma breve discussão novamente, sem serem ouvidos por seus convidados. Todos se espalham atrás de uma borboleta. Ariel torce o pé e, é atendida por Maxwel, o que gera certo constrangimento. Leopoldo se mostra com ciúmes. Ele e Maxwel começam a ter pequenas discussões e numa delas Maxwel finge se intoxicar com um cogumelo, sai correndo e é seguido por Ariel e no meio da mata ele rouba um beijo dela.

Adrian e Ariel conversam sozinhas. Falam sobre amor e paixão e as diferenças entre os dois sentimentos. Adrian questiona o relacionamento de Ariel e Leopoldo. Leopoldo e Dulcy se aproximam e comparam interesses em jogos e outras atividades. Maxwel se declara apaixonado por Ariel para Andrew, que se mostra irritado com essa declaração. Maxwel quer levar Ariel mais tarde ao riacho e pede ajuda de Andrew. Andrew acaba contando a Maxwel sobre seu relacionamento antigo com Ariel.

Leopoldo ensina xadrez a Dulcy e a convida para um “affair” mais tarde. Dulcy se sente constrangida a princípio, mas aceita. Os planos começam a ser colocados em ação. Andrew tenta falar com Ariel sobre o encontro no riacho e Dulcy despista Maxwel para poder ir se encontrar com Leopoldo. Maxwel sai pela janela e se dirige ao Riacho. Leopoldo sai pra se encontrar com Dulcy. Novamente podemos encontrar paralelos entre Bergman, Shakespeare e Allen, no desenvolver das várias indas e vindas das personagens dentro das tramas. Há uma

evidente diferença entre os três autores no que diz respeito ao erótico nas histórias. Allen é bem mais picante, Shakespeare, apesar de fazer uso do mundo das fadas para sugerir coisas, mantém-se atrás de uma cortina de ingenuidade. Bergman por sua vez, caminha mais para a comicidade, mas não deixa de tratar temas que em sua época eram quase proibidos, como a troca de casais e os casos amorosos dentro do casamento.

Adrian procura Dulcy para falar de suas angústias e acaba impedindo que a moça se encontre com Leopold. Andrew consegue falar com Ariel que se mostra reticente ao encontro com Maxwell. Maxwell encontra Leopold no riacho e desconversam seus motivos por estarem ali. Ariel e Andrew voam de bicicleta até o riacho, mas acabam caindo dentro d'água. Maxwell e Leopold conversam sobre Ariel enquanto caminham de volta do riacho para casa. Dulcy dá dicas sobre sexualidade para Adrian. Andrew e Ariel falam sobre o casamento dela e sobre Maxwell enquanto voltam para a casa depois da queda. Entre eles começa a haver uma aproximação.

Todos retornam a casa e tem desculpas variadas para suas ausências. Todos jantam numa mesa colocada do lado de fora da casa. Falam de assuntos variados, desviando as reais intenções sexuais de cada um. Falam dos espíritos espalhados pelas florestas nas noites de verão e são criticados por Leopold. Adrian brinda o casamento de Leopold e Ariel, ao que Maxwell reage e sai da mesa. Todos fazem um novo brinde e escutam o som de um tiro à distância. Descobrem que Maxwell disparou acidentalmente um revólver e acertou sua cabeça com a bala. Maxwell acaba contando a Andrew que não foi um acidente e sim que tomou essa atitude porque não pode mais viver sem Ariel. Também exige explicações de Andrew sobre sua relação com Ariel.

A noite todos escutam Leopold cantar canções alemãs tocadas por Adrian. Enquanto isso, Maxwell arranja um jeito de falar com Ariel e tenta convencê-la a ir ao riacho com ele, jurando que se ela não ceder vai se matar. Enquanto Leopold canta uma música sacra tocada por Ariel, Adrian tenta fazer sexo com Andrew na cozinha, mas a tentativa acaba sendo frustrada. Eles chegam a conclusão de que o amor entre eles não existe mais.

Leopold chama Andrew para que mostre a todos seu globo dos espíritos. Novamente Leopold e Maxwell discutem sobre sexo e amor, o que é resolvido por Andrew, dizendo que um sempre acaba sendo a causa do outro. Todos concentrados de mãos dadas tentam fazer o globo funcionar. O globo projeta imagens e todos vêem nela um homem e uma mulher, de mãos dadas no riacho. O globo sofre uma avaria e a imagem desaparece. A magia está presente no texto de Allen e, como já dissemos, também em Shakespeare. Em Allen, a todo

momento, nas passagens de tempo entre uma parte e outra da trama, vemos cenas da exuberância da natureza, sempre acompanhadas pela música de Mendelsohn. Apesar da magia não estar diretamente expressa no filme de Bergman, temos a presença desse sentimento voluptuoso da natureza, na personagem Petra, a empregada de Fredrik, que tenta constantemente desvirtuar seu filho, o estudante para padre Henrik e, que acaba nos braços do camponês Frid, fazendo amor no meio de um monte de feno.

Adrian questiona se as imagens formadas pelo globo são do futuro ou do passado e Dulcy acha serem de fantasmas. Todos se retiram. Maxwel prepara-se para sair à noite e é interpelado por Andrew que desconfia das intenções do amigo. Maxwel conta que vai encontrar Ariel. Todos fingem dormir ou se recolhem a seus quartos, mas com intenções diferentes das de descansar.

Maxwel se dirige ao rio, Andrew vai atrás. Ariel sai também. Maxwel e Andrew se encontram no rio e discutem pelo amor de Ariel. Ela chega e ambos se declaram apaixonados por ela. Ariel e Andrew resolvem ficar juntos e, Maxwel se mostra desconsolado e sai dizendo que pensa em suicídio. Leopold acorda e não encontra Ariel. Ariel e Andrew caminham pela floresta em perfeita harmonia lembrando do passado e falando do futuro. Eles se beijam e se mostram apaixonados.

Leopold encontra Dulcy e fala de seu sonho no qual ela é a personagem principal. Eles desconfiam que Ariel e Maxwel estejam se encontrando em algum lugar. Dulcy vê Maxwel voltando e enquanto isso o globo projeta uma nova imagem. Vemos agora a sombra de Andrew beijando Ariel. Leopold sai muito irritado da casa em direção a floresta para surpreendê-los. Ele encontra os dois e, armado de arco e flecha tenta acertar Andrew mas acaba acertando Maxwel que cai sangrando ao chão. Andrew encontra Maxwel no meio da mata e ele está gravemente ferido.

Leopold retorna a casa, encontra Dulcy e faz sexo com ela. Andrew conta a Maxwel de sua reconciliação com Ariel. Maxwel conta que fez sexo com Adrian. Andrew deixa Ariel cuidando de Maxwel e vai ao celeiro onde encontra Adrian. Eles falam sobre o que Maxwel acabou de lhe contar. Andrew se declara apaixonado por Ariel. Adrian diz que se sente bem por que ele descobriu tudo e tenta novamente fazer sexo com ele. Enquanto isso Ariel e Maxwel falam sobre passado, presente futuro e, Ariel cede aos encantos dele. Andrew e Adrian se reconciliam. Dulcy grita pedindo ajuda pois Leopold parece ter perdido os sentidos devido ao excesso de sexo entre os dois. O globo volta a funcionar e, no meio de uma explosão uma luz aparece. A voz de Leopold declara ter se transformado em um dos espíritos

da floresta. No meio da noite varias luzes dançam pela floresta. E a estória termina. As três estórias se passam em uma noite, onde a magia e a sexualidade se aliam na construção das diversas relações propostas pelos três casais. De maneira nenhuma as estórias se cruzam ou se assemelham, entretanto guardam entre si a mesma leveza e provocam a reflexão sobre o amor e o ser humano.

### **Conclusões**

Para Robert Stam (2009), Allen se utilizou da arquitextualidade, proposta por Genette, para alinhar seu texto com seu antecedente literário, Shakespeare e, cita o filme de Bergman

O título de “Sonhos Eróticos de uma noite de Verão”, de Woody Allen, inicia com uma alusão a Shakespeare e termina com uma queda cômica na lascívia, em um eco permanente a “Sorrisos de uma noite de amor”, de Bergman. (STAM, 2009, p.233)

Penso que Allen vai além dessa proposta. Ele se utiliza da hipertextualidade e constrói um novo produto, sem deixar de lado as referenciais por ele escolhidas e retiradas dos hipotextos selecionados. Esse novo produto, nada mais é do que o hipertexto produzido por uma elaboração dos textos anteriores, o que nos dá uma extensão das idéias propostas por Shakespeare e Bergman. Percebe-se utilização da intertextualidade na criação de Woody Allen. O artista prova a aplicação dialógica de sua atividade a partir de suas conexões entre seus referenciais, onde mistura e amplifica as possibilidades anteriores. Os conceitos de Bakhtin, Kristeva e Genette nos ajudam a perceber como essa atividade se desenvolve e viabiliza novas possibilidades criativas, que são aproveitadas por Allen a todo momento em suas criações. Aqui em “Sonhos eróticos de uma noite de verão”, ele junta o clássico de Shakespeare com o popular da comédia de costumes de Bergman, gerando um novo produto artístico sem ser repetitivo, pois as possibilidades geradas pela junção de vários referenciais permitem novos resultados que posteriormente serão reaplicados, dando origem a novos resultados e assim por diante.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. Bakhtin. **Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, Beth. Bakhtin. **Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

COLLINGTON, Tara. **Uma abordagem bakhtiniana para os estudos da adaptação**. Artigo publicado na revista ECO-Pós, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p. 132-142

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **Inter/textualidades midiáticas: convergências e ressignificações** (Artigo inédito 2010).

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOZDZENSKI, Leonardo. **A Intertextualidade no vídeo-clipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva**. Artigo publicado na revista Contemporânea, vol.7, n°2, dez.2009.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo: Papyrus, 2009.